

## Reminiscência educacional: experiências Escolar dos idosos residentes em Jordão, Sobral – CE

Marcos Adriano Barbosa de Novaes<sup>i</sup> 

Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/UECE, Limoeiro do Norte, CE, Brasil

Johnantan Santiago Moura<sup>ii</sup> 

Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/UECE, Limoeiro do Norte, CE, Brasil

Amélia Soares André<sup>iii</sup> 

Universidade Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

1

### Resumo

Esse estudo intenciona analisar aspectos como educação, trabalho, lazer e arte, a partir dos relatos de histórias de vida feitos pelos idosos da localidade Jordão situado a 17 km do Município de Sobral no estado do Ceará. Nesta perspectiva, foram utilizados como referencial teórico Sousa; Lima, 2016, Pena (2017), Fialho et al (2020) entre outros. A investigação foi realizada por meio da pesquisa bibliográfica e aplicação de entrevista semiestruturada. Por fim, as assertivas analisadas, segundo os relatos fornecidos nas entrevistas, afirmaram que as novas metodologias educacionais têm prejudicado o aprendizado no ambiente escolar. Para os anciãos, o principal motivo apontado é o desaparecimento do caráter punitivo na educação, comum no método tradicional. Todavia, mesmo considerando o conhecimento e os aspectos culturais identificáveis nos discursos dos idosos, é importante que sejam valorizadas a participação e a produtividade do aluno no decorrer do processo educacional, levando em conta aspectos individuais e coletivos.

**Palavras-chave:** Educação. História. Memória.

### Educational reminiscence: School experiences of elderly residents in Jordão, Sobral – CE

### Abstract

This study intends to analyze aspects such as education, work, leisure and art, from the reports of life stories made by the elderly in Jordão, located 17 km from the city of Sobral in the state of Ceará. In this perspective, the following theoretical references were used: Sousa; Lima (2016), Pena (2017), Fialho et al (2020), among others. The investigation was carried out through bibliographic research and application of a semi-structured interview. Finally, the assertions analyzed, according to the reports provided in the interviews, they stated that the new educational methodologies have hindered learning in the school environment. For the elders, the main reason given is the disappearance of the punitive character in education, common in the traditional method. However, even considering the knowledge and cultural aspects identifiable in the speeches of the elderly, it is important that the participation and productivity of the student

be valued during the educational process, taking into account individual and collective aspects.

**Keywords:** Education. Story. Memory.

## 1 Introdução

2

É por meio da oralidade que temos os traços mais fiéis da memória de um indivíduo. Por sua vez, a memória busca compreender as reminiscências, assim como seus desdobramentos e a permanência delas no presente. Nos livros, por exemplo, são contadas apenas as histórias dos heróis, dos vencedores de batalhas etc; contudo, salvo raras exceções, não são narradas as histórias dos pequenos povos, que de um jeito ou de outro também ajudaram a construir as informações fatuais da nossa sociedade.

As tradições, linguagem e cultura de povos primitivos que viveram há muitos séculos só puderam ser registrados ao longo dos séculos devido a algum registro escrito. Dessa maneira, é possível compreender que muito da cultura oral precisou ser transformada em escrita para fins de registro histórico.

Mediante a estas ideias, este estudo tem como objetivo principal refletir sobre o processo educacional nas décadas de 1960 e 1970, com base nas experiências vividas no período escolar dos idosos residentes em Jordão, Sobral – CE.

Diante do exposto, nosso trabalho tomou como porta de partida a seguinte questão norteadora: Quais as características mais evidentes da formação educacional básica da população de Jordão nas décadas de 1960 e 1970?

## 2 Metodologia

Foi realizada pesquisa bibliográfica e em seguida, foram colhidos depoimentos dos idosos assistentes através de entrevista semiestruturada e, a partir das suas experiências escolares narradas, foi possível relacionar os conhecimentos apresentados às características culturais, de arte e lazer hodiernas.

## 3 A importância da memória para a reconstrução da história

3 Sabe-se que a fala é um dos meios de comunicação mais usado para se comunicar e se expressar, sendo que tal expressão pode ser feita através de gestos, de expressões corporais e da escrita. Esta última, todavia, é caracterizada pela possibilidade de registro e, conseqüentemente, perdura por mais tempo do que a linguagem oral, sofrendo menor risco de alterações no seu conteúdo; garantido, assim, transmissão de informações mais próximas do seu contexto original. Portanto, a escrita vem para garantir a durabilidade destas informações no tempo e no espaço. Através da história oral, pode-se colher informações do passado que podem ajudar a compreender o momento em que se vive. Além disso,

[...] a história oral é coletada depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Ela, no gênero biográfico, utiliza de todo um conjunto de documentos de tipo história de vida, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida individual, de um grupo ou da sociedade em geral [...] (FIALHO et al, 2020, p.05).

Dessa forma, a linguagem oral surgiu da necessidade comunicacional imediata, permitindo também o acesso por um interlocutor ausente do tempo e no espaço pertinentes a essas lembranças. Além da modalidade escrita da linguagem, o outro elemento que é essencial para registros históricos é a memória. “[...] Os estudos da memória são fundamentais para conduzir às reflexões, o que traz desdobramentos teóricos e metodológicos importantes [...]”, (FIALHO et al, 2020, p.04) ela é um fator imprescindível, pois é através dela que os conhecimentos de determinadas comunidades não letradas são compartilhados e transmitidos por meio da oralidade. Assim, podem ser registrados a curto ou longo espaço de tempo, geralmente de forma hereditária.

A metodologia de história oral é bastante adequada para o estudo da história de memórias, isto é, de representações do passado. Estudar essa história é estudar o trabalho de constituição e de formalização das memórias, continuamente

negociadas. A construção da memória é importante por que está atrelada à construção da identidade (ALBERTÍ, 2004, p.27).

O conhecimento dos fatos passados, ou como se constituiu uma determinada nação, ou ainda a formação étnica de um povo só são possíveis com o estudo do passado. Ou seja, através da pesquisa da história, de memórias, é possível buscar a origem das indagações que fazemos nesta pesquisa. Sendo assim,

[...] Esta metodologia que trabalha fundamentalmente com depoimentos, testemunhos ou entrevistas orais, permite o historiador elaborar análises individuais e coletivas e desenvolver compreensões específicas, com maior riqueza de detalhes e minúcias [...] (FIALHO et al, 2020, p.04).

A história oral é importante porque nela pode-se identificar informações que transcendem à história escrita, uma vez que “[...] as narrativas são compostas por elementos que os próprios sujeitos elegem como o que querem mencionar, bem como o que querem enfatizar [...]” (STASCXAK; SANTA, 2009, p. 03). Neste viés, conforme afirmam Bergson (1999) e Barroso (2008), existem duas formas de memória, teoricamente independentes: uma delas é expressa através de mecanismos motores, por meio dos quais a experiência passada é utilizada para a ação presente, denominada, pelos autores supracitados, memória motora ou hábito, que se repete sem precisar evocar qualquer imagem relacionada à experiência já transcorrida.

O outro tipo de memória é a espontânea ou excelência (BERGSON, 1999), associada às imagens-lembranças. Nela, se registram acontecimentos do cotidiano, atribuindo a cada fato, a cada gesto seu lugar e sua data. Mas, embora teoricamente distintas, na verdade, estas duas memórias se complementam e se fundem, proporcionando ao homem o equilíbrio necessário para se adaptar à vida.

Cada uma das memórias é “[...] caracterizada por ser produzida a partir de um estímulo, pois geralmente o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas ou o instiga à rememoração com outros subterfúgios [...]” (FIALHO et al, 2020, p.05).

## 4 A situação educacional no Brasil de 1961 a 1964 e a realidade dos idosos do Jordão

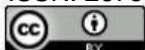


Para entender o momento histórico em que os idosos entrevistados estavam inseridos, se faz necessário compreender que o Brasil se encontrava sob ditadura militar. Nesta época, houve a renúncia de Jânio Quadros, cuja proposta de educação era a elevação da cultura geral e a incorporação de bases sociais mais amplas, pontos esses que ficaram somente como propostas. Conquanto, como marco principal nesse período, vale destacar a criação do Conselho Federal de Educação (CFE), no governo João Goulart, em 12 de fevereiro de 1962. O CFE, antes conhecido como Conselho Nacional de Educação, tinha por função principal assessorar o ministro. Neste ínterim, o conselho teve como respaldo a Carta de Punta Del Este, documento que exigia a eliminação do analfabetismo, através do Plano Nacional de Educação aprovado em 1962.

Esta proposta de política educacional previa, entre as décadas de 1962 a 1970, a escolarização de 100% da população de faixa etária de 7 a 14 anos no ensino primário e nas duas últimas séries ginasiais. Também vislumbrava a educação formal de 50% da população de 13 a 15 anos nas duas últimas décadas do ginásio

[...] Assim, a década de 1960 presenciou estreita relação entre as políticas internacionais educativas e as medidas adotadas pelo governo ditatorial que tomara o poder à força, o que levou à nova organização do âmbito educacional brasileiro, especialmente no período entre os anos de 1964 a 1985 [...] (SOUZA; LIMA, 2016 p.75).

No entanto, tais metas não foram alcançadas, devido ao planejamento educacional não ter previsto as condições econômicas que dispunha para sua implantação. Neste cenário, destaca-se a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que proporcionou a distribuição de bolsas de estudo a alunos de famílias com baixo poder aquisitivo. Essas bolsas possibilitavam esses alunos carentes a estudarem em escolas particulares, o que na verdade veio a beneficiar os proprietários destas empresas educacionais privadas, resultando na descontinuação no crescimento de redes escolares públicas. A educação, nesse período, era vista como uma ferramenta





decisiva para a formação da mão de obra profissional e técnica. Além disso surgem, através da Lei nº 5.695/1971, as Escolas Polivalentes no Brasil que, por sua vez,

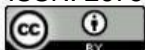
[...] se apresentaram como uma proposta pedagógica, com ênfase na promoção do ensino de qualidade e profissionalizante, sob o argumento de que seu aparato metodológico e prático contava com um significativo diferencia diante dos demais modelos em vigor. Esse modelo seria subsidiado pela Pedagogia Tecnicista, proposta que esteve à frente desse modelo implantado com intensidade em vários graus da educação brasileira. Tal modelo partia da ideia da necessidade de se qualificar mão de obra para o trabalho em face da sociedade daquele momento, em meio ao crescimento capitalista industrial acelerado, aflorando, conseqüentemente aumento da produção e da demanda por braços qualificados para o trabalho [...] SOUSA; LIMA, 2016, p.76).

Nesta perspectiva, o valor cívico cultuado na educação primária era o de formar indivíduos para participar na economia como produtor e consumidor, pois o que estava em jogo era a economia. Por esse motivo,

[...] À frente das propostas de implantação de um modelo educativo pautado numa lógica de produção capitalista, que favorecesse o controle social a partir de uma tentativa de homogeneização da sociedade, surgiu a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) (SOUSA; LIMA, 2016 p.76)

Nesse sentido, conforme Sousa; Lima (2016), a educação brasileira foi sendo organizada aceleradamente, com vista a atender exclusivamente os ditames socioeconômicos que almejavam o ideário de ensino: a formação técnico-profissionalizante. Esse modelo educacional foi consubstanciado pela concepção tecnicista de educação. Ou, dito de forma mais específica, “[...] A Pedagogia Tecnicista é compreendida tendo sua origem no Brasil a partir da tendência subordinada à lógica produtivista do mercado de trabalho [...]” (SOUSA; LIMA, 2016, p.77).

Os idosos entrevistados, nas narrativas que proferiram, dão ênfase às dificuldades vividas por eles na aquisição de brinquedos. Conforme seus depoimentos, era comum quando criança “fazia bola de pano, de palha de milho ou meia, que era chamado de peteca, brincava de macaca, jogar pedra (capote) e de roda”, afirmou idosa 1. Uma das participantes da pesquisa, entretanto, destaca que foi obrigada a se dedicar



mais ao trabalho braçal do que às brincadeiras. Ela, conforme afirma, “brincava de boneca, panelada (fazendo comida para as bonecas), não podia sair para a rua. Brincava apenas no domingo. Na semana, fazia chapéu de palha e trabalhava no roçado”.

Tomando por base o ato de brincar como princípio formativo na identidade da criança, devemos compreender que o lúdico é algo inerente à infância. Dada a sorte, apesar do compromisso que alguns dos entrevistados tiveram com estudo e/ou trabalho, ainda é possível identificar a ludicidade na construção de brinquedos e também na própria ação de brincar, que ocorriam nos poucos momentos de lazer.

É fundamental lembrar, todavia, que os narradores desta pesquisa são oriundos de classes sociais economicamente pobres. O reflexo desta situação incide justamente sobre a condição educacional para esses sujeitos, já que, por terem menor poder aquisitivo, necessitavam trabalhar cedo para complementar a renda familiar. Assim, os momentos de lazer eram restritos, muitas vezes, a curtos intervalos escolares entre uma aula e outra, tempo esse suficiente para que as crianças pudessem trocar experiências culturais relacionadas ao ato de brincar.

Quando pior, muitos infantes, sobretudo meninas, eram obrigados a largar a escola e se dedicarem às tarefas domésticas ou braçais do campo. Para estes, quando possível, o tempo de brincar e construir brinquedos era mais limitado ainda, sobrando porventura alguns momentos de descanso do trabalho ou de semi-lazer à noite.

Portanto, o processo de exclusão do acesso à educação da classe menos desfavorecida não é algo recente. Esse processo advindo desde a evolução do ensino no Brasil mais especificamente no período colonial, beneficiava apenas uma minoria de filhos de donos de terras e senhores de engenho, cujos descendentes tinham acesso pleno à educação. Além disso, a exclusão no processo educativo formal nesse período era mais forte porque, dentre essas minorias privilegiadas, as mulheres e os filhos primogênitos eram excluídos do processo educativo formal. Portanto, a escolarização era limitada e predestinada a um seleto grupo de pessoas pertencentes à classe dominante, que era prestigiada com livre acesso à educação formal.

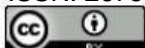


Portanto, as dificuldades de muitas crianças e muitos jovens em se manterem e concluírem a educação básica têm origem, principalmente, na condição financeira da família, tanto daquelas residentes na cidade como no campo. No distrito do Jordão não foi diferente, conforme mostram os depoimentos dos cinco idosos entrevistados. A maioria relatou dificuldades na aquisição de materiais didáticos. O caderno, detalha um dos entrevistados, era feito de duas a três folhas de papel com pauta dobrada e dividida em várias partes para aumentar o número de folhas, as quais eram costuradas com arame ou linha e agulha, finalizando a construção deste material com uma capa de papelão. Caso contrário, enfatiza um depoente, para comprar os cadernos industrializados era preciso descascar caroços de mamona para vender.

Como se pode perceber, a realidade dos alunos oriundos de famílias carentes, mais especificamente do período em que ocorre a infância dos participantes dessa pesquisa, é marcada por um contexto de sub-existência. Dito de outra forma, mediante às circunstâncias impostas pelo capitalismo, os depoentes, quando crianças, eram obrigados a buscar meios de compor a renda familiar para adquirirem alimentos, roupa, moradia etc, direitos básicos para a sobrevivência humana. Neste entremeio, conforme já salientamos, o lúdico não tinha espaço porque as crianças eram condenadas ao trabalho precoce e igualmente fadadas a uma educação que as preparava justamente para serem mão de obra.

Sabe-se, entretanto, que a infância é um período em que os indivíduos passam a descobrir o mundo e tudo o que está a sua volta. Por esse motivo, os pais, como primeiros educadores, deveriam ter essa consciência. Na realidade, as crianças oriundas de famílias pobres costumeiramente são usadas como mão de obra pelos próprios responsáveis delas, os quais se utilizam de trabalhos abusivos, cujos infantes se submetem por medo ou obediência.

Todavia, os entrevistados, conforme se pode comprovar nos seus depoimentos, nunca perderam o seu papel de criança, apesar das responsabilidades de adulto, que desde muito cedo assumiram. A exemplo, uma das idosas ouvidas, fez o seguinte relato:





*Já era um pichotinha de 10 anos. Agente morava nos Coqueiros. Foi tempo ruim que meu pai passou pra trabalhar. Nós ia a um rochero, rochero é que chamam rochedo, uma pedra bem grande. Aí, abre um salão por dentro... aí, nós ficava lá e pegava as tripinhas de galinha que minha mãe matava e fazia umas panelinhas de barro de louça. Aí, botava as tripinha... Aí, botava as bonequinhas ali tudo bem arrumadinha... Só vivia fazendo sutiã, vestido, sainha pras bonequinhas. Sabia fazer tudo, tudo. Aí, ia brincar só as meninas, tudo grandona brincando... Naquele dia, eu fazia isso e no outro do mesmo jeito, brincava de boneca de milho, colocava no braço e dizia que era loirinha. Jogava muita pedra. Jogava baralho. Isso tudo aprendi... E brincava de roda... brincava de relação, que era da seguinte forma: fazia-se rodas e falava versos como “botei meus pés no estribo, meu cavalo estremeceu. Adeus, pessoal! Que fica, quem vai embora sou” (IDOSA 1).*

Uma outra entrevistada, reificou as práticas lúdicas do brincar ao narrar que

*fazia bola de pano, de palha de milho ou meia que era chamado de peteca, brincava de macaca, jogar pedra (capote) e de roda. (IDOSA 3)*

Conforme pudemos observar, a realidade vivida pelas idosas um e três oportunizava momentos de ludicidade, pois, mesmo não tendo condições para comprar brinquedos, elas mesmas os construíam. Além disso, é importante observar que, no caso da idosa entrevistada número 1, estas brincadeiras eram, na verdade, reflexos do cotidiano de trabalho e da vida adulta, já que, por se tratar de uma menina, as brincadeiras, em sua maioria, eram condicionamentos para que elas fossem mães e donas de casa. A partir das falas dos idosos percebemos que é

[...] necessário escutar as recordações de pessoas historicamente marginalizadas e esquecidas, devolvendo-lhes um lugar fundamental mediado por suas narrativas. O resgate de uma memória que revele uma experiência significativa traz possibilidades não só de resignificação do já vivido, mas também de uma ação no presente [...] (PENA, 2017, p.78).

Já no que diz respeito a entrevistada número três, as brincadeiras prenunciam a ruptura desta tendência, a partir dos momentos em que a construção de “bolas de pano” e “petecas” surgiam da capacidade imagética das crianças daquela época com o fito de entretenimento, senão uma atividade física. Dessa forma, cabe afirmar neste segundo caso que a capacidade construtiva de brinquedos e os usos que eram feitos desse objeto, tinham fins desinteressados, senão o momento de diversão, o lúdico pelo lúdico.

Concomitante a estes pífios momentos de lazer da classe proletariada, as obrigações das crianças daquela época predominavam a carga horária diária. Além dos trabalhos domésticos, já mencionados e condicionantes das próprias brincadeiras das crianças, a escola exigia um tempo mínimo de 4 horas diárias de dedicação aos estudos. Neste ínterim, pelo menos 15 minutos eram destinados a um intervalo, no qual as crianças tinham a limitada possibilidade de criar e brincar. Não obstante, é mister lembrar que esse público que ora analisamos eram crianças, mas cuja carga horária de obrigações ultrapassa até mesmo a de um operário de fábrica.

Além disso, na própria escola predominava a educação coercitiva e punitiva, a qual acreditava que a obediência dos infantes só era possível por meio de ameaças e agressões físicas e morais. Dentre as mais relatadas com desdém por eles, a prática da palmatória era predominante no relato dos entrevistados. O castigo era comum em um dia nomeado, segundo os idosos, o “Dia do Argumento”, no qual lhes era perguntada a tabuada. O método consistia em solicitar de um aluno determinado cálculo; se este não soubesse responder, mas o próximo soubesse, este daria uma pancada com uma tábua de madeira naquele que não soube responder. Caso o aluno faltasse no dia da tabuada por conta do medo, a professora iria buscar o aluno faltoso na casa dele.

Diante do exposto pelos idosos notamos que

A memória, ao ser liberada pela rememoração através da narrativa, permite o entrecruzamento entre passado e presente uma vez que lembramos daquilo que fomos e vivemos ontem a partir daquilo que somos e vivemos hoje [...] (PENA, 2017, p.78).

Outro exemplo é a palmatória usada também para ensinar os alunos canhotos a aprenderem a usar a mão direita. Entretanto, quando foi perguntado à entrevistada de número um o porquê de tal prática, ela disse que não tinha explicação. O aluno tinha que escrever com a mão direita e pronto. Isso era o certo na época. Inclusive, ela foi uma das crianças que eram canhotas e que foram obrigadas a aprender a usar a mão direita. Nas palavras da entrevistada, a *“palmatória não educava, fazia era assombrar a gente,*



*pela palmatória foi que aprendi a escrever usando a mão direita, o medo fez eu aprender”.*

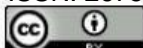
Ainda sobre esse tipo de educação punitiva, a entrevistada de número 5 reifica que “palmatória era um ensino de crueldade, o aluno até sabia responder à pergunta, mas o medo fazia ele esquecer tudo”. Fernandes (2006 apud CORRÊA; BARRETO, 2017) afirma que as punições no ambiente escolar para os que infringiam as regras têm relação com a presença dos clérigos, tendo como fundamento os princípios morais e religiosos, pois

[...] Os religiosos acreditavam que os castigos corporais eram eficazes para a educação da alma, por isso professor utilizava de instrumentos que lhe conferiam poder para obter respeito de seus alunos. Entre os instrumentos utilizados para punir os discentes, o mais conhecido é a palmatória. (FERNANDES, 2006, apud CORRÊA; BARRETO, 2017, p.107-108).

Contudo, apenas a entrevistada de número 3 via essa metodologia como positiva. Ela defendia o uso da palmatória pois, segundo ela, “o aluno aprendia, tinha respeito”. Dito de outra maneira, o medo da agressão física punitiva, legitimada pela escola e aplicada pela professora, criava um falso aprendizado, que consistia apenas em decorar cálculos, conforme afirmaram as entrevistadas de números um e três. Além disso, esse respeito de que trata a entrevistada de número 3 nada mais era, senão o próprio medo de que já tratamos aqui.

Faz-se necessário pontuar que esta metodologia era comum nas escolas da época, inclusive nas chamadas escolas isoladas, ou seja, uma propriedade particular, geralmente uma casa, onde qualquer pessoa que soubesse ler e escrever podia lecionar. Contudo, de forma geral, a escola era paga pelos pais que tinham condições financiar a educação dos filhos ou pela prefeitura. Dito isso, é fundamental saber que todos os entrevistados desta pesquisa advêm deste tipo de escola.

Neste viés, é possível reconhecer como se deu a organização do ensino destes idosos, pois “[...] Ouvir as narrativas e as lembranças é conhecer a visão de mundo do sujeito, que é sempre constituída pela história e pela memória [...]” (PENA, 2017,





p.78). O método desenvolvido possuía como instrumento norteador a Carta de ABC, através da qual primeiro se aprendia o alfabeto maiúsculo e minúsculo, vogais e consoantes para depois aprender a soletrar; assim, só passariam para a cartilha, instrumento de alfabetização, aqueles que soubessem toda a carta de ABC.

Quando perguntado em relação ao acesso à escola e a qualidade do ensino, a entrevistada de número 1 apenas enfatizou que, por as coisas hoje estarem muito fáceis, os alunos não têm interesse. De modo igual, a entrevistada de número 3 compara que, se na época em que estudou tivesse tido as oportunidades que os alunos hoje têm, ela seria outra pessoa. Segundo ela, “ as autoridades não querem saber de educação, só se preocupam com ônibus para aluno e para professor e, no final do ano, se o aluno não souber, mesmo assim eles têm que passar” e complementou: “o estudo de hoje não é bom por estar muito fácil. Na época passada, era mais proveitoso por ser mais difícil”.

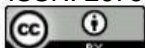
Tal depoimento nos permite corroborar que,

[...] Ao narrar, as pessoas se deslocam do lugar da vivência – das comunicações instantâneas – e recuperam a capacidade de contar experiências. Dessa forma, a narrativa se associa com a memória, com a oportunidade de deixar marcas [...] (PENA, 2017, p.79).

Corroborando com as ideias das duas entrevistadas anteriormente citadas, a de número 3 comenta que *“hoje não existe respeito na escola, os alunos vão hoje para escola para namorar, os alunos de antes era mais inocente”*. Conforme ela, os pais não concebiam o estudo como algo importante, já que, para eles, a sobrevivência em si era o limite de sucesso para uma pessoa de origem pobre, como ilustra a frase: *“eu não aprendi a ler e estou aqui”*, citação de uma fala dos pais da entrevistada de número 3.

## 5 Considerações finais

A partir dos relatos dos idosos entrevistados é possível afirmar que, para eles, as novas metodologias educacionais têm prejudicado o aprendizado no ambiente escolar. Conforme comentaram, um dos motivos é o desaparecimento do caráter



punitivo do método tradicional. Esse hábito, construído historicamente, condiz com a própria condição socioeconômica em que viviam as famílias desses depoentes, cuja participação honorária de despesas incluía até as crianças.

Por esse motivo, as práticas de lazer antigamente eram sufocadas pelo trabalho infantil e pela educação punitiva. Tais práticas, reduziam o tempo da ludicidade infantil a momentos limitados entre o intervalo escolar e os momentos de descanso do trabalho, fazendo com que os infantes daquela época assumissem muito cedo algumas responsabilidades de adultos. Em que pese as dificuldades que estes indivíduos assumiram durante toda a infância e adolescência, alguns dos idosos fazem uma analogia entre as metodologias educacionais de antigamente com as hodiernas. Para eles, as práticas de ensino contemporâneas correspondem à facilidade quanto ao ingresso e permanência da classe pobre na hoje na educação.

Contudo, conforme insinuam os entrevistados, essas metodologias atuais estariam contribuindo para uma educação de má qualidade. Na concepção deles, o tipo de ensino que eles tinham era proveitoso, porque a dificuldade de acesso à escola fazia com que houvesse valorização da educação por parte dos alunos. Entretanto, sabemos que existem outros fatores que contribuem para o insucesso escolar hoje. Um desses é que os educadores ainda se prendem a questões irrelevantes à educação das crianças e se esquecem de focar no que realmente é útil para o processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, a função da escola é servir como espaço de referência sociocultural para todos os seguimentos da comunidade e outras instituições, articulando e realizando os eventos sociais de natureza educacional, cultural, esportiva e religiosa. Neste viés, esta instituição não deve limitar a ludicidade dos discentes a curtos intervalos entre uma aula ou outra, assim como deve compreender a missão de educar a classe trabalhadora hoje não é mantê-la como mão de obra. Sobretudo, deve favorecer que as memórias dos adultos do futuro não seja mais uma vez as frustrações de um passado marcado pelo trabalho infantil e pela educação punitiva, como fora em outrora.

## Referências

- ALBERTÍ, V. **Ouvir Conta**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BARROSO, R. E. C. Sobre Memória e a narrativa: reflexões para se entender o tempo de lembrar. *In*: BEZERRA, J. A. B.; ROCHA, A. M. (Orgs). **História da educação**: arquivos, documentos, historiografia, narrativas orais e outros rastros. Fortaleza: Edições Fortaleza UFC, 2008.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CORRÊA, P. S.; BARRETO, B. Exigências para o exercício do ofício de mestre nos grupos escolares no Brasil no contexto da ditadura militar. **Educação & Formação**, v. 2, n. 1, p. 104-123, 2 jan. 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/126> Acesso em: 05 nov. 2019.
- FIALHO, L. M. F. *et al.* O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505> Acesso em: 10 mai. 2020.
- PENA, A. Formação de professores de educação infantil: memória, narrativa e inteireza. **Educação & Formação**, v. 2, n. 1, p. 72-86, 2 jan. 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/124> Acesso em: 10 fev. 2020.
- SOUZA, S.; LIMA, G. Escolas polivalentes na ditadura civil-militar: marco no modelo de ensino profissionalizante ou instrumentos de propaganda do regime? O processo de implantação do polivalente de Ituiutaba-MG (1974-1985). **Educação & Formação**, v. 1, n. 2, p. 72-88, 2 mai 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/101> Acesso em: 10 fev. 2020.
- STASCXAK, F. M.; SANTANA, J.S. Narrativas autobiográficas de professoras da educação básica: a constituição da identidade docente como processo permanente. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3512> 10 fev. 2020.

<sup>i</sup> **Marcos Adriano Barbosa de Novaes**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5003-5418>

Mestre em Educação e Ensino pelo Mestrado Acadêmico Intercampi da Universidade Estadual do Ceará (MAIE/FAFIDAM/FECLESC), especialista em Gestão de Organizações Sociais, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) (2013). Coordenado do Grupo de Estudos Trabalho e Educação (GETE).

Contribuição de autoria: contribuiu com a idealização, realização da pesquisa e Escrita-Primeira Redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1961834033258119>.

E-mail: [marcos.educare@hotmail.com](mailto:marcos.educare@hotmail.com)

<sup>ii</sup> **Johnantan Santiago Moura**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4445-4755>

Especialista em Didáticas e Práticas de Ensino pela Universidade de Quixeramobim (UNIQU); Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Professor da educação básica.

Contribuição de autoria: contribuiu com a idealização, realização da pesquisa, Revisão e Edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7426825249213157>

E-mail: [sjohnantan@yahoo.com.br](mailto:sjohnantan@yahoo.com.br)

<sup>iii</sup> **Amélia Soares André**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9189-9968>

Mestrado em Gestão Educacional pela Universidade Estadual Vale do Acaraú em convênio com a Universidade Internacional de Lisboa (2003).

Contribuição de autoria: contribuiu com a idealização; realização da pesquisa e Escrita-Primeira Redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8472630389993427>

E-mail: [amelimel@yahoo.com.br](mailto:amelimel@yahoo.com.br)

**Editora responsável:** Cristine Brandenburg

## Como citar este artigo (ABNT):

NOVAES, Marcos Adriano Barbosa de; MOURA, Johnantan Santiago; ANDRÉ, Amélia Soares. Reminiscência educacional: experiências Escolar dos idosos residentes em Jordão, Sobral – CE. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 3, e233629, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i3.3629>